

## A INTRODUÇÃO DOS ESPORTES NO RIO DE JANEIRO<sup>1</sup>

Ms. Cláudia Maria de Farias<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

cdfarias@ig.com.br

Recebido em 13 de agosto de 2008

Aprovado em 10 de dezembro de 2008

### Resumo

O trabalho analisa a institucionalização do esporte náutico, na cidade do Rio de Janeiro, como prática social burguesa, excludente e hierarquizadora, que se desenvolve juntamente com os modelos higienistas e a crença no aprimoramento da raça, na virada para o século XX. Refletindo as transformações estruturais pelas quais passava o país, a espetacularização das regatas ofereceu aos setores da elite carioca a possibilidade de externarem suas visões de mundo, veiculando comportamentos considerados mais adequados para os habitantes da Capital Federal. Desse modo, trazendo no seu bojo os conceitos de civilidade, modernidade e progresso, o remo se impôs como signo de distinção social, inventado para forjar a identidade social de diversos grupos da elite urbana emergente.

**Palavras-chave:** história do esporte; remo e regatas; modernidade carioca.

### Abstract

#### **The sports' introduction in Rio de Janeiro**

The work analyzes the nautical sport institutionalization, at the Rio de Janeiro city, as bourgeois social practice, exclusivist and of hierarchical authority, that develops jointly with the hygienist models and the belief in the race improvement, in the turn for the century XX. Reflecting the structural transformations by the which passed the country, the regattas presentation offered to the sectors of the carioca elite the possibility of exteriorizing their views of the world, divulging behaviors considered more adequate for the inhabitants from the Federal Capital. In this manner, bringing in its bulge the concepts of civility, modernity and progress, the oar imposed itself as sign

---

<sup>1</sup>. Este artigo é parte integrante da minha dissertação de mestrado, "Febre esportiva: esporte náutico e modernidade no Rio de Janeiro (1895-1914), defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFF em 2005.

<sup>2</sup>. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, bolsista do CNPq.

of social distinction, invented to forge the social identity of diverse groups of the emergent urban elite.

**Keywords:** sport history; rowing and regattas; carioca modernity.

Alvorada do século XX. As conquistas científicas e tecnológicas realizadas ao longo do século XIX transformaram, de forma global, as noções de tempo e espaço. A locomotiva, a eletricidade e o telégrafo eram os principais ícones de uma nova época de luz, rapidez e velocidade, enaltecidos pelas grandes exposições universais. Os avanços ditados pela revolução bacteriana, no campo da medicina, juntamente com o desenvolvimento da higiene e profilaxia, entre outros, proporcionaram novas perspectivas para o controle das doenças. A expectativa de vida aumentou e encurtaram-se as distâncias.

Concretizando as ambições e esperanças da burguesia industrial emergente, o triunfo da ciência alimentava, ainda mais, os sonhos de um futuro próspero embalado pela fantasia de progresso e pelo controle da natureza. Momento de euforia, ilusões e certezas, mas também de dúvidas, angústias e receios para a humanidade. Afinal, se a modernidade era o prenúncio de um novo tempo marcado pelo ritmo vertiginoso do progresso e pela crença na ação redentora das utopias, suas contradições revelavam uma face mais sombria marcada pela exclusão, pela repressão e pelo autoritarismo<sup>3</sup>. Por toda parte, crescia a pobreza nas cidades. Novos atores e práticas sociais transformavam o cenário das grandes metrópoles modernas, redesenhando os pólos da conflitividade social.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>. Para uma análise mais detalhada dessa conjuntura, em nível internacional e nacional, v. COSTA, Angela Marques da e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914. No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; SEVCENKO, Nicolau (org.). Introdução. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3. p. 7-15 e NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Vol. I.

<sup>4</sup>. Cf. NEVES, Margarida de Souza. *op.cit.* p. 6

No ritmo dessas inovações, a expansão imperialista resultante da busca por novos mercados consumidores, operou uma sensível mudança na ordem econômica mundial. O aumento vertiginoso da produção industrial aliado à demanda por matérias-primas instalou um fluxo intenso de transformações, alterando hábitos cotidianos e modos de vida de sociedades tradicionais, até então inviolados por uma rotina doméstica senhorial e lenta. Essas possessões territoriais, transformadas num vasto mercado lucrativo, muito embora se levantassem contra o jugo do neocolonialismo, entre a metade do século XIX e o início do século XX, foram invadidas por um ritmo de vida que impunha os padrões de consumo, os estilos de vida, os valores e as crenças ditados pelas potências industriais, na tentativa de redimirem seus atrasos e, assim, se enquadrarem nas concepções de progresso e civilização divulgadas pelas ideologias raciais européias – evolucionismo e darwinismo – para fundamentar o etnocentrismo e a lógica expansionista das nações hegemônicas. Nesta nova dinâmica do capitalismo internacional, a manutenção da dependência colonial, sob outras diretrizes, era a condição precípua de riqueza dos chamados países desenvolvidos e civilizados.<sup>5</sup>

Baseadas nesse ideário cientificista, as diferenças e desigualdades entre os povos eram vistas como naturais e contingentes, inerentes aos determinismos geográfico (do meio) e biológico (da raça) que impunham limites ao desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades<sup>6</sup>. Com efeito, norteadas pelo pensamento das teorias científicas ocidentais, a visão do tempo era retilínea e uniforme, parecendo estar em constante aceleração, marcando os estágios únicos e obrigatórios de evolução de toda e qualquer Nação primitiva e atrasada, rumo ao progresso e à civilização.

---

<sup>5</sup>. Cf. NEVES, Margarida de Souza. *op. cit.* p. 8.

<sup>6</sup>. Cf. GONTIJO, Rebeca. Identidade nacional e ensino de história. In: Martha Abreu e Rachel Soihet (org.) *Ensino de História*. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.

Somando-se ao paradigma da evolução, uma outra escola determinista ganhava força: o darwinismo social. Partindo dos modelos das ciências naturais, essa nova perspectiva, aplicando a teoria de seleção natural de Darwin às sociedades humanas, condenava o cruzamento racial, pois previa a existência de raças puras e perfeitas, livres dos processos de miscigenação.<sup>7</sup> Desta forma, o conceito de raça e seu corolário – a superioridade do homem branco e a degeneração das nações mestiças –, surgia para legitimar a "missão civilizadora" dos países mais desenvolvidos frente aos demais Estados dependentes, entre eles, o Brasil.

Sede da Corte imperial e capital da República implantada em 1889, o Rio de Janeiro – principal porto de importação e exportação do país –, experimentava um crescimento populacional de grandes proporções, se comparado às décadas anteriores. Com o fim do trabalho escravo, as migrações internas e a vinda de imigrantes em larga escala, a população total duplicou, passando para 500 mil habitantes, em 1890, aproximadamente<sup>8</sup>. Conseqüentemente, agravaram-se os problemas de saneamento e moradia na área central da cidade, habitada principalmente pela população pobre que, sem ocupação definida, sobrevivia através de todos os tipos de expedientes. Além disso, as epidemias de febre amarela, cólera, varíola e tuberculose – para citar as mais graves –, assolavam freqüentemente o Rio de Janeiro que chegou a ser conhecido como

---

55-79, e SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>7</sup>. Cf. Lilia Schwarcz, o darwinismo social, subvertendo a concepção monogenista de Darwin – origem unitária da humanidade –, adotava a teoria poligenista, isto é, partia da crença que existiam espécies marcadas eternamente pela diferença, cujo potencial seria biologicamente diverso e, portanto, não compartilhariam da mesma linha evolutiva. Tal apropriação, vinculada a projetos de cunho nacionalista, acabou por legitimar um discurso racial que explicava, internamente, as hierarquias sociais e, externamente, a expansão imperialista. SCHWARCZ, Lilia. *op. cit.* p. 58-65.

<sup>8</sup>. Dados extraídos de ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 19.

"túmulo do estrangeiro"<sup>9</sup>, para desespero das autoridades públicas e dos empresários capitalistas, ávidos pela mão-de-obra imigrante.

Neste sentido, urgia urbanizar, embelezar e sanear a Capital Federal, tornando sua infra-estrutura mais adequada e atrativa para o afluxo e circulação do capital financeiro internacional. Esse esforço civilizador, implementado pelas elites liberais republicanas, traduziu-se numa ampla transformação do espaço urbano, com vistas a alterar o aspecto colonial da cidade, de ruas estreitas e casas mal ventiladas, conforme os padrões da ideologia higienista e da nova arquitetura moderna, mais arejada e iluminada. Projetando-se no sentido de remodelar e homogeneizar os espaços da urbe, a ciência urbanística vai requalificá-los, dando-lhes uma nova paisagem. Com isto acreditava-se que, a partir da remodelação do espaço, seriam criados novos hábitos na população.

Após o equilíbrio financeiro duramente efetuado no Governo Campos Salles (1898-1902), o Governo Federal, sob a Presidência de Rodrigues Alves (1902-1906), iniciou os trabalhos de saneamento, remodelamento e embelezamento da cidade do Rio de Janeiro, anteriormente esboçados na instituição da primeira Comissão de Melhoramentos, em 1875. Nomeado pelo Presidente da República e investido de plenos poderes para efetivar a modernização do Rio a qualquer custo, o prefeito Pereira Passos, auxiliado pelos engenheiros Lauro Muller, Francisco Bicalho e Paulo de Frontin e pelo médico sanitariaista Oswaldo Cruz, realizou a modernização do cais do porto e a abertura da Avenida Central, rasgando a cidade de mar a mar<sup>10</sup>, desalojando e expulsando grande parcela da população pobre, moradora dos cortiços e casas de cômodos.

---

<sup>9</sup>. *Apud* SEVCENKO, Nicolau. (org.). O prelúdio republicano. Astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3. p. 22.

<sup>10</sup>. Cf. BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 228-229.

Obedecendo aos pressupostos profiláticos das teorias higiênicas, declarou-se uma guerra às habitações populares e aos seus habitantes. Através das Posturas Municipais implementadas, desejava-se alterar não só o perfil colonial da cidade, mas também o dos seus próprios cidadãos, transformando seus hábitos e costumes. Impostos à população carioca, vários decretos-leis proibiram o exercício de atividades e práticas consideradas "insalubres" e "atrasadas"<sup>11</sup> porque obstavam o livre trânsito do capital comercial nas vias públicas e, conseqüentemente, o "progresso" da Capital Federal. Comprometida com o projeto civilizador, esta leitura idealizada da cidade promoveu uma ampla ordenação e estetização do espaço público, na medida em que expurgava do seu cenário, estratégias de sobrevivência e práticas populares identificadas, pelo discurso oficial, ao passado "colonial" e "atrasado" da cidade<sup>12</sup>. Segundo Benchimol, os higienistas

ainda que não tenham conseguido deter as epidemias, ajudaram a promover mudanças às vezes substanciais tanto nos padrões de sociabilidade como nas formas de organização do espaço. A medicina social que praticavam mostrou-se eficaz, sobretudo na sedimentação de um discurso sobre o urbano cujos argumentos repetem-se até o começo do século XX em tudo o que escreveram os engenheiros, políticos e outros atores sociais. Esse discurso infiltrou-se no senso comum das elites e camadas médias, que nos anos 1870-80 já constituem influente opinião pública, favorável a todo tipo de melhoramento que transformasse a capital do Império numa metrópole salubre e moderna.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup>. Em seu livro "Pereira Passos: um Haussmann tropical", Jaime Benchimol destaca e analisa diversas práticas populares duramente reprimidas nesta administração.

<sup>12</sup>. Cf. VELLOSO cumpre ressaltar que, à cidade idealizada por estes 'produtores de espaço', materializada através das reformas urbanísticas de Pereira Passos, uma 'outra' cidade teimava em brotar cotidianamente, "reinventando práticas e maneiras próprias de vivenciar o espaço". VELLOSO, Monica P. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-1930)*. Mediações, linguagens e espaços. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2004. p. 37.

<sup>13</sup>. BENCHIMOL, Jaime. "Reforma urbana e revolta da vacina na cidade do Rio de Janeiro." In: FERREIRA, Jorge e NEVES, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003. Vol. 1, p.

Na esteira destas intervenções urbanas, a rua – comparada às artérias e pulmões que oxigenam o corpo – era o personagem principal, sendo definida como lugar de circulação de pessoas e mercadorias pelos engenheiros sanitaristas e médicos da época, principais "produtores de espaço", conforme destaca Monica P. Velloso<sup>14</sup>. Fundamentando-se na teoria miasmática, em difusão desde meados do século XIX, que via nas aglomerações humanas desprovidas de ventilação e nas águas estagnadas, os principais focos irradiadores das doenças epidêmicas, o pensamento médico-higienista foi responsável por uma crescente concepção asséptica da cidade e dos corpos que nela habitavam e transitavam. Através dos diagnósticos realizados, a saúde pública passou a ser encarada como uma questão de ordem, pois as habitações populares seriam "focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos".<sup>15</sup> Para Sidney Chalhoub, esta visão de mundo, calcada no "perigo de contágio", forneceu um suporte ideológico para a "ação saneadora" que, a partir de 1889, isolou a pobreza e suas moléstias contagiosas "propagadoras da degenerescência e seus males".<sup>16</sup> Assim, a manipulação dos bens simbólicos garantia a manutenção e reprodução das relações de força e poder.<sup>17</sup>

Consideradas um entrave ao progresso e à civilização do Brasil, as habitações coletivas eram vistas como responsáveis pela geração e propagação da febre amarela, contribuindo de forma cabal para a mortalidade da mão de obra européia inviabilizando, assim, o ideal burguês de branqueamento da população carioca, tão desejado por estadistas e higienistas da Capital Federal. Identificada como flagelo da população

---

<sup>14</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *op. cit.* 43-44.

<sup>15</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril. Cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 29.

<sup>16</sup> *idem.* p. 35.

imigrante, a febre amarela ameaçava a nova ordem estabelecida, pois impedia a implementação de relações de trabalho assalariadas, fundamental para a reprodução do capital. Portanto, "beleza, limpeza, ordem e progresso"<sup>18</sup>, eram os novos parâmetros redefinidores do enquadramento social imposto pela República emergente.

### **Uma nova sociabilidade urbana**

Paralelamente a estratificação espacial efetivada, uma ampla infraestrutura de lazer, mais saudável e convidativa para os passeios e os banhos de mar, foi sendo construída com a extensão da malha urbana para a zona sul. Novos espaços de sociabilidade e divertimento surgiram para o desfrute da cidade, atuando como signos de um estilo de vida burguês, mais moderno e civilizado. De acordo com Ana Mauad,

Uma nova geografia do ser moderno se impôs sobre a cidade elegendo como espaços de aparência salões, confeitarias, cafés, cinemas, livrarias e a própria rua. Tal como um cenário de pura fachada estes espaços existem para que novos grupos sociais em ascensão, ligados às atividades tipicamente urbanas - tais como comércio e finanças - se identificassem no seu processo de vir-a-ser, na medida em que só passariam a existir, enquanto classe, em função de uma vivência social. São formas de conteúdo, sendo, portanto, impossível dissociar destes espaços os comportamentos que lhes eram subjacentes.<sup>19</sup>

Contrastando com a vida social monótona e restrita da Corte imperial, o final do século XIX apresentava algumas mudanças significativas. Os segmentos médios urbanos, animados com as novas perspectivas de ascensão abertas nos primeiros anos da República, se arriscavam no jogo especulativo, movimentando ações e tentando fazer

---

<sup>17</sup>. Cf. BACZKO, Bronislaw. "Imaginação social". In: *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, vol. 5. p. 299 e BOURDIEU, Pierre. "Condição de classe e Posição de classe". In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974. p. 14-17.

<sup>18</sup>. Cf. CAVALCANTE, Berenice de O. "Beleza, higiene, ordem e progresso: a questão da higiene na cidade do Rio de Janeiro". *Revista do Rio de Janeiro*. Niterói, v. 1, n.1. p. 96, 1985.

<sup>19</sup>. MAUAD, Ana Maria. Flagrantes e instantâneo. Fotografia de imprensa e o jeito de ser carioca na 'belle époque'. In: LOPES, Antonio Herculano (org.). *Entre Europa e África. A invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Topbooks, 2000. p. 275.



fortunas da noite para o dia. José Murilo de Carvalho, analisando essa conjuntura, afirma que a designação de moderno/modernidade era utilizada para qualificar as novidades tecnológicas, as novas idéias – positivismo, evolucionismo e o darwinismo – e os vários modismos que surgiam, entre eles o espírito de negócio, o esporte e a educação física.<sup>20</sup>

Como reflexo dessa estrutura, apostava-se febrilmente nos páreos disputados nos frontões, belódromos e velódromos, construídos para trazer a novidade dos passatempos esportivos, tão em moda nas principais cidades européias. Proporcionando à população carioca, diversões públicas, tais como corridas de bicicletas, a pé, a cavalo, touradas, boliches e jogos de pelota, entre outros, os esportes começavam a despertar o interesse da elite brasileira, traduzindo-se numa nova maneira de viver e conviver nos espaços da cidade, que invadia o noticiário esportivo dos principais jornais da cidade, até então dominado quase que exclusivamente pelas competições turfísticas. Na seção *sport*, inaugurada pela Gazeta de Notícias, em 1895, constava:

cada vez se acentua mais o gosto do nosso público pelo jogo de pelota e a prova está na enorme quantidade de senhoras e cavalheiros que ontem assistiam ao terceiro espetáculo no Frontão Brasileiro... Nos camarotes achavam-se grande número de exmas. senhoras que trajavam elegantes toilettes.<sup>21</sup>

Além de divulgar notas sobre o jogo da pelota, a imprensa dava uma ampla cobertura a outros esportes praticados ao ar livre. Como exemplo, podemos destacar o comentário, do mesmo periódico, sobre uma "elegante passeata pelas ruas centrais da

---

<sup>20</sup>. CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 119-20.

<sup>21</sup>. *Gazeta de Notícias*, 29.07.1895, seção *sport*, p. 2. O jogo da bola ou da pelota, esporte de origem espanhola, era realizado entre dois competidores que arremessavam, com raquetes, uma pequena bola contra um paredão, perdendo aquele que não conseguisse rebater a jogada do adversário, cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 45.

Capital" realizada por "distintos membros do Velo-Club"<sup>22</sup>, sociedade ciclista fundada em 18 de outubro de 1896. Organizada para promover "corridas e outras provas de animação", em belódromos e velódromos, a associação contribuiu bastante "para o engrandecimento da velocipedia no Rio de Janeiro"<sup>23</sup>, conforme indicava o desfile de "40 velocipedistas, entre os quais figurava uma senhora", anunciado pela Gazeta. A passeata ainda foi precedida por "um piquete de cavalaria" e fechada por "um cortejo de 11 carros com representantes de associações esportivas". À noite, os desportistas reuniram-se "em brilhante festa no elegante edifício do Velo-Club que estava graciosamente ornado com palmas, cyclos e escudos"<sup>24</sup>. A magnitude da manifestação pelas ruas centrais da cidade registra o impacto proporcionado pelos esportes na vida cotidiana dos seus moradores. Dessacralizando o corpo, até então coberto por pesadas vestimentas, tais atitudes e comportamentos foram sendo incorporados como sinônimos de hábitos mais "civilizados" e "elegantes", pois significavam uma nova experiência no uso dos espaços públicos e privados, principalmente no tocante a liberalização dos costumes.<sup>25</sup>

Com efeito, a prática esportiva se desenvolveu como um elemento para diferenciar não só um "novo tempo" como também para expressar e identificar o posicionamento de um indivíduo ou um determinado grupo nessa sociedade, sua "condição de classe", conforme sugere Bourdieu,

uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provém do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos de outras classes, e com isso exprimem diferenças

---

<sup>22</sup>. *Gazeta de Notícias*, 5 de julho de 1897, seção sport, p. 2.

<sup>23</sup>. CANABARRO, J. "Cyclismo". In: *O Remo*, ano II, n. 7, 25 de janeiro de 1900, p. 2.

<sup>24</sup>. *Gazeta de Notícias*, 5 de julho de 1897, seção sport, p. 2.

<sup>25</sup>. Cf. MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 23, p. 25, 1999.

de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-las em distinções significantes...<sup>26</sup>

Ao formular o conceito de "habitus", Bourdieu nos chama a atenção para as distinções simbólicas operadas pelos agentes como forma de duplicação da posição objetiva ocupada por eles na estrutura social, definindo-o como um "sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas".<sup>27</sup>

Eric Hobsbawn, pensando no esporte como "tradição inventada"<sup>28</sup>, também nos abre caminho para esta reflexão:

por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição.

Em seu estudo, o esporte é considerado uma das práticas sociais mais importantes do nosso tempo, na medida em que representou para a classe média uma tentativa de desenvolver um novo e específico padrão burguês de lazer e estilo de vida, bem como um critério flexível e ampliável de admissão num grupo.<sup>29</sup> Desta forma, começou a se delinear uma sociabilidade diversa marcada pela convivência em grupo e pelo desfrute de novos espaços públicos e privados, como os clubes e as associações atléticas, formados por imigrantes e brasileiros, para a prática da ginástica e de esportes.<sup>30</sup> O movimento de adesão aos esportes trouxe a cena, então, um novo personagem – o

---

<sup>26</sup>. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 14.

<sup>27</sup>. BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 158.

<sup>28</sup>. HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p.10.

<sup>29</sup>. HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. op. cit. p. 307-9.

<sup>30</sup>. Como exemplo, podemos citar, a fundação, em 1893, da Associação Cristã de Moços, que desenvolvia a Educação Física com orientação norte-americana, e a do Paysandú Cricket Club, em 1892, criado para atender a demanda de ingleses radicados no Rio. Cf. MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e dos desportos no Brasil*. Rio de Janeiro, vol. 2. p. 16-17.

*sportsman* – que, aposentando a austera casaca, exhibia alegremente seus músculos e formas elegantes em trajes mais leves e esportivos. Conforme destaca Norbert Elias, refletindo o processo civilizador da sociedade ocidental, transformava-se toda a existência social. Como numa extensa cadeia de ações e reações que se cruzam e interpenetram, formas "civilizadas" de conduta eram disseminadas por vastas áreas fora do Ocidente, seja através do assentamento de ocidentais ou através da assimilação pelos estratos mais altos de outras nações.<sup>31</sup>

Contudo, se nos últimos anos do século XIX era patente o incipiente processo de valorização dos esportes na cidade, às vésperas da Proclamação da República, os exercícios ginásticos ainda enfrentavam a indiferença da maior parte da população carioca, conforme atestava o comentário de Raul Pompéia sobre uma festa realizada pelo Clube de Regatas Guanabarenses<sup>32</sup>, em 25 de dezembro de 1888. Demonstrando sua frustração diante da visualização de corpos "sem elegância e sem músculo" que participavam, provavelmente, de uma corrida a pé, ele afirmava:

A festa do dia 25 foi por ocasião da inauguração de alguns melhoramentos. Pouca concorrência. As famílias... não compareceram em número considerável senão de noite para ver os fogos de artifício... Os corredores apresentam-se com o vestuário próprio, de meia justa ao corpo. Mais do que o aproveitamento dos exercícios de carreira, devia interessar ao observador a desagradável exibição de formas sem elegância e sem músculo que a roupa de meia proporcionava. Bem pobre plástica, a da nossa mocidade para um espetáculo de ginásio. Corpore sano!... meus amigos.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup>. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. vol. 2, p. 212.

<sup>32</sup>. Embora este clube tenha sido criado, em 1874, com a finalidade de realizar regatas, sua diretoria efetuou, com o passar dos anos, alguns melhoramentos no terreno dos fundos da sua sede, na praia de Botafogo, construindo um rink de patinação e uma raia de corridas, conforme o relato de Raul Pompéia.

<sup>33</sup>. MOREIRA, Virgílio Moretzsohn (org.). *Crônicas do Rio. Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1996 (Col. Biblioteca Carioca). p. 64.

No relato, nota-se a preocupação do literato com o observador mais desavisado daquele espetáculo e com as famílias que, desinteressadas em assistir a competição, só saíram de suas casas para ver os fogos à noite. Tratava-se de chamar a atenção do leitor e também da população para as formas mais adequadas de apresentação que, de acordo com o autor, deveriam ser adotadas em público: elegância e robustez. Todavia, os espetáculos esportivos não contavam com um grande público assistente e, conseqüentemente, os tipos físicos "musculosos e elegantes" não eram ainda valorizados como gostaria o ilustre cronista. Advertindo ironicamente o leitor, ele conclamava: "corpore sano!"

Para o historiador "a literatura é testemunho histórico"<sup>34</sup>, importando averiguar as relações e intenções que se estabelecem entre o autor, a sua obra e o público a que se destina, levando em consideração vários fatores, tais como: a posição ocupada pelo autor na escala social e como esta interfere na sua criação, a natureza da fonte literária, as elaborações e construções operadas, e como estas contribuem para a organização da realidade, ao mesmo tempo em que formam grupos sociais com redes de relações específicas.

Ainda sob este aspecto, convém lembrar das considerações de Antonio Candido, em torno da relação dialética existente entre a arte e a sociedade. Para o autor, a arte é social nos dois sentidos, pois é um produto do meio, ao mesmo tempo em que age sobre os indivíduos.

Sendo comunicação expressiva, é expressão de realidades profundamente radicadas no artista e... produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais... Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura...ela só está acabada no momento em que repercute e atua...todo processo de comunicação pressupõe um

---

<sup>34</sup>. CHALHOUB, Sidney e MIRANDA, Leonardo A. de. (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7.

comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é o seu efeito.<sup>35</sup>

Desse modo, a perspectiva de mudança para um modelo mais "aceitável" de corpo, desejado por Raul Pompéia, se não foi efetivamente experimentada por ele, em virtude de sua morte prematura, em 1895 – ano em que os clubes esportivos começaram a se expandir pela cidade e uma nova estética corpórea começou a se firmar –, foi constituindo um substrato, no campo das idéias, para uma nova experiência de sociabilidade urbana que se iniciava com a prática esportiva.

João do Rio, em sua crônica, "O futebol", escrita na primeira década do novo século, já pôde vivenciar e apreciar esta transformação:

Fazer esporte há 20 anos ainda era para o Rio uma extravagância. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um altere. Estava perdido. Rapaz sem um pincenez, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias, era um homem estragado.<sup>36</sup>

Posteriormente, notando o crescente avanço do remo, ele afirmava:

Rapazes discutiam 'muque' em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais, a cinta fina, a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos esportes. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos.<sup>37</sup>

Em sua narrativa, o autor louvava a criação do Clube de Regatas Flamengo, em 1895, afirmando que este "deveria cobrar dos cariocas uma dívida de 20 anos, pois dali partiu a formação de novas gerações, a glorificação do exercício físico para a saúde do

---

<sup>35</sup>. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976. p. 20-21.

<sup>36</sup>. BARRETO, Paulo. O futebol. *apud*. COSTA, Nelson. *Páginas cariocas*. Guanabara, Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1961. p. 278.

<sup>37</sup>. *idem*, p. 279.

corpo e da alma".<sup>38</sup> Com efeito, João do Rio vislumbrava a importância dos esportes, em especial das regatas, na transformação dos hábitos dos habitantes da cidade, e como fator de distinção entre dois tempos: o tempo da Monarquia – "outrora" – onde os jovens eram "raquíticos e balofos", preparados apenas para a vida intelectual, e o "novo tempo", da República, onde os mesmos jovens tornavam-se, agora, musculosos e fortes como Hércules. Distinção também compartilhada por Luiz Edmundo, que identificava a geração que proclamou a República "a uma geração de fracos e enfezados, de lânguidos e de raquíticos, sempre enrolada em grossos cache-nez de lã...".<sup>39</sup>

As crônicas de João do Rio, Raul Pompéia e Luiz Edmundo expressavam, assim, os anseios, as interpretações e preocupações destes "homens de letras" sobre a realidade histórica da qual faziam parte, tornando-os sujeitos/personagens sociais que, circunscritos em um campo intelectual e inseridos em redes de relações específicas, atuavam na síntese de um novo projeto de identidade nacional para o homem brasileiro. Voltando seus olhares para os acontecimentos cotidianos, nas crônicas dos principais periódicos do período, eles afirmavam sua identidade particular, na medida em que atribuíam para si uma "missão civilizadora", capaz de construir novos rumos para a Nação. Tal qual a "missão higienista", que reservava aos médicos, engenheiros e sanitaristas, o saber para efetuar as intervenções cirúrgicas nos espaços da cidade, amputando-lhe as partes infectadas, os intelectuais pretendiam intervir pedagogicamente para curar o país.

As imagens e representações de "saúde, polidez, beleza, coragem e virilidade" elaboradas por estes intelectuais e articulistas para a Nação brasileira, em torno dos *sportsmen*, diluíam sua heterogeneidade no esforço de impor um modelo único de

---

<sup>38</sup>. Apud COSTA, Nelson. op. cit., p. 278.

comportamento e sociabilidade, em estreita sintonia com a nova ordem propagada pelo Estado republicano pautada, principalmente, pela contraposição a um passado colonial, agrário e escravista, de tradições antigas e atrasadas que se desejava apagar. Nesse contexto de reordenamento social, marcado pela emergência de uma cidadania restrita, onde as modificações espaciais faziam brotar uma cidade mais moderna e civilizada para o convívio das elites, esses textos literários encampavam o projeto civilizatório, ditando normas e modelos de comportamento mais adequados ao desfrute deste espaço, no intuito de reestruturar antigos hábitos transformando a face da sociedade carioca e, por conseguinte, da própria Nação. Então, de acordo com Renato Ortiz, os intelectuais desempenham a tarefa de mediadores simbólicos, "agentes históricos responsáveis por operarem uma transformação simbólica da realidade sintetizando-a como única e compreensível".<sup>40</sup>

Mas voltemos ao romancista e jornalista Raul Pompéia. Em sua crônica, utilizando-se parcialmente do slogan *mens sana in corpore sano*, ele demonstrava sua aspiração a uma vida social diferente, materializada num modelo de corpo mais "plástico" e ajustado às demandas da ideologia higienista. Assim, ele parecia estar atento ao movimento iniciado por Rui Barbosa e por autoridades sanitárias, para tornar obrigatório o ensino da ginástica, nas escolas primárias e secundárias da Corte.

### **A educação física, a ginástica, a saúde e o movimento higienista**

Sinalizando para a ação regeneradora da Educação Física, o jurista e político brasileiro apresentou, em 1882, na Câmara do Deputados, um conjunto de medidas necessário para que a ginástica se integrasse aos currículos escolares, sob o título

---

<sup>39</sup>. EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1957. p. 831.

<sup>40</sup>. ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 139.



"Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública", baseado em parecer favorável a um projeto já exposto em 1879. Preocupado em viabilizar a industrialização e modernização do país, Rui Barbosa alertava seus contemporâneos para a importância pedagógica da ginástica na constituição física e moral da Nação, comungando em sua argumentação, das expectativas sociais do ideário médico higienista sobre o futuro da raça, num contexto marcado pela substituição do trabalho escravo e por graves surtos epidêmicos:

A ginástica não é um agente materialista, mas, pelo contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. Materialista de fato é, sim a pedagogia falsa, que, descurando o corpo, escraviza irremissivelmente a alma à tirania odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doença. Nessas criaturas desequilibradas, sim, é que a carne governará sempre fatalmente o espírito, ora pelos apetites, ora pelas enfermidades.<sup>41</sup>

Acentuando o fator moralizador da educação física na formação do caráter de uma nova geração, mais saudável, produtiva e disciplinada, inteiramente moldada à dinâmica do capitalismo internacional, Rui Barbosa projetava seu racionalismo positivista por meio de uma reforma na estrutura de ensino do país, não deixando de observar a relevância da constituição física feminina, responsável pela reprodução dos novos homens. Desse modo, ele também previa em seu parecer "a extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos... nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura".<sup>42</sup> Para o jurista, à mulher estava reservado apenas o papel de mãe zelosa, cabendo-lhe exercitar-se, de maneira adequada, para gerar filhos mais saudáveis à

---

<sup>41</sup>. Trecho do "Parecer sobre a Reforma do Ensino Primário. Da Educação Física". In: BARBOSA, Rui. *Obras Completas*. V. 10, t. 2, 1883. p.80.

pátria. Recomendação igualmente feita na tese de Carlos Antonio Pitombo, onde o médico baiano afirmava que "os exercícios para as meninas e moças devem ser mais moderados", pois estas "têm prazer em divertimentos mais calmos, próprios do seu sexo".<sup>43</sup>

Apesar dos unânimes conselhos médicos restringindo a participação das mulheres nas atividades físicas e esportivas, seu envolvimento, algumas vezes, ultrapassou os limites impostos pela sociedade. Assim, para o espanto de muitos, elas estavam presentes em desfiles esportivos<sup>44</sup> e como diretoras atuantes em modalidades esportivas consideradas tipicamente masculinas. Em fins do século XIX, encontram-se algumas informações sobre a participação de mulheres como jóqueis<sup>45</sup> e remadoras.

No caso do remo, deve-se ressaltar três iniciativas. Entretanto, apenas uma apresentou caráter competitivo: a criação do Grupo de Regatas Feminino da Ilha da Pombeba (pequeno arquipélago na Baía de Guanabara), em 1901, cuja Diretoria era composta por Silvia Peixoto (presidente), Gabriela Filgueiras (vice-presidente), Elisa Joppert (secretária) e Alice Ferreira (tesoureira).<sup>46</sup> Embora esse grupo não tenha sobrevivido muito tempo, realizou uma prova, no mesmo ano, contra remadoras do Clube Cajuense.

Em São Paulo, nos anos 20, atestando a crescente participação feminina nas competições esportivas, Jandira Barroso e Blanchet Pironnet, já se destacavam nas

---

<sup>42</sup>. Apud SOARES, Carmem Lúcia. *O pensamento médico higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930*. 1990. Tese(mestrado) Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, p. 175.

<sup>43</sup>. PITOMBO, Carlos Antonio. *Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância profilática*. Bahia, Tip. Reis, 1900. p. 35-36. (Tese apresentada a Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia)

<sup>44</sup>. Convém lembrar aqui, a notícia dada, pela Gazeta, de um desfile de 40 ciclistas, entre eles uma mulher, pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>45</sup>. Em O Globo de 25 de outubro de 1875, encontra-se uma notícia sobre a participação de mulheres como jóqueis numa corrida realizada no Prado Fluminense, cf. MELO, Victor Andrade de. op. cit. p. 151.

provas de natação, realizadas no rio Tietê. No início dos anos 30, Maria Lenk seria o grande nome da natação brasileira.<sup>47</sup>

Feito este breve parênteses, retornemos às discussões e aos debates políticos travados no seio da elite letrada, ainda no Império, para a introdução da ginástica no currículo escolar infantil. Contemporâneo de Rui Barbosa, o Dr. Menezes Vieira, lastimando também a inexistência de uma estrutura educacional favorável ao ensino da Educação Física a ambos os sexos, constatava no Congresso da Instrução, realizado em 1884, que era "dolorosíssimo o quadro da nossa população escolar: um batalhão de crianças decrépitas, caminhando certo ao encontro da fatal tuberculose".<sup>48</sup> Afirmando ser a "higiene, os exercícios religiosamente executados pelos ingleses e adaptados a todas as idades e profissões"<sup>49</sup>, a razão da superioridade anglo-saxônica, o sanitarista manifestava seu descontentamento pela incúria com a qual era tratada a ginástica no ensino público brasileiro: "a ginástica entre nós ainda é considerada matéria facultativa, uma coisa de luxo que apenas figura nos programas dos estabelecimentos oficiais do ensino secundário"<sup>50</sup>. Avaliação compartilhada, um ano depois, pelo seu colega de profissão Dr. Domingos Freire, no relatório acerca das medidas higiênicas mais urgentes a serem adotadas na Capital Federal, no tocante à educação física e à higiene escolar. Referindo-se às altas taxas de mortalidade apresentadas pela população carioca, nas fases infantil e adulta, em função das doenças que grassavam na cidade, ele

---

<sup>46</sup>. As outras iniciativas remontam ao ano de 1882, onde em São Cristovão e Niterói, remaram recreativamente as irmãs Fox e as senhoritas Massière, Tribouillet e Vianna, respectivamente. In: LICHT, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986. p. 106 e 112.

<sup>47</sup> Cf. NICOLINI, Henrique. op. cit. p. 90-115.

<sup>48</sup>. *Apud* MAGALHÃES, Eduardo. *Ginástica infantil*. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert, 1900. p. 11.

<sup>49</sup>. *idem*, p. 12.

<sup>50</sup>. *idem*, p. 12.

criticava: "O desdém pela força física tornou-se exagerado. Prematuramente morrem sábios, poetas, estadistas notáveis..."<sup>51</sup>

Se em fins do século XIX eram patentes as preocupações com o futuro físico e moral do povo brasileiro, em meados do século, alguns médicos já manifestavam suas expectativas sociais em relação a uma prática mais sistematizada da Educação Física que pudesse promover o "prolongamento da espécie humana, bem como o aumento da força e riqueza individual e pública".<sup>52</sup> Assim, reservando também um papel especial aos colégios na educação física das crianças e dos adolescentes, o médico Joaquim José de Oliveira Mafra, em tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1855, pretendia corrigir a concepção equivocada de muitos pais na educação dos seus filhos, pois:

... querem que se dê a seus filhos uma alimentação super abundante, esquisita, bem adubada, que agrade ao paladar; querem que se lhes ofereçam leitos bem fofos e macios, onde sejam bem agasalhados; que não se obriguem seus filhos a passeios longos, porque a fadiga, o sol, a chuva a que porventura se exponham-lhe fazem mal; que não se exercitem na ginástica, porque podem machucar-se ou ferir-se....<sup>53</sup>

Sendo assim, "a Educação Física no Brasil, quando de suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde do corpo, da higiene física e mental, da educação moral e da restauração ou reconstituição das raças".<sup>54</sup> Com o advento da República e a crescente participação do corpo médico na vida administrativa do país, esta inquietação se acentuou, traduzindo-se na elaboração e divulgação de teses e manuais que preconizavam o valor de atividades físicas e esportivas não só na formação do caráter de um indivíduo, principalmente na infância e

---

<sup>51</sup>. *idem*, p. 11.

<sup>52</sup>. F. F. PADILHA, apud COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. p.179.

<sup>53</sup>. Apud COSTA, Jurandir Freire. *op.cit.* p.171.

juventude, como no combate às enfermidades, pois segundo o Dr. Pitombo "o fim dos exercícios higiênicos na educação das crianças é, dando a todos os seus órgãos funcionamento regular e resistências às moléstias, fazer com que o desenvolvimento do corpo acompanhe o desenvolvimento moral e intelectual."<sup>55</sup>

O médico E. Weber, em "Sports Athléticos", verificando ainda a manutenção de altas taxas de mortalidade na cidade do Rio, no início do século XX, indicava: "órgãos sólidos e bem exercitados, resistem vitoriosamente aos embates das enfermidades... É um dever social aperfeiçoar o corpo humano reparando o trabalho destruidor dos flagelos sociais: tuberculose, sífilis e alcoolismo".<sup>56</sup> Mais adiante, descrevendo os benefícios higiênicos proporcionados por várias modalidades esportivas, ele destacava a importância profilática dos esportes aquáticos que, "desenvolvendo o tórax e abrindo o peito", mostravam-se como "elementos de preservação contra a decadência e a moléstia", plenamente associados às práticas de higienização e moralização defendidas pela medicina social. Desta forma, incomodados com o flagelo da tuberculose, vários médicos e articulistas manifestavam-se a favor do remo.

Em "A tuberculose e o sport nautico", o autor "X.Y.Z", usando um pseudônimo, assim escrevia:

A canoagem desenvolve nossas forças, ativa a respiração e a circulação, desenvolve o volume dos pulmões e do peito, aumenta nosso vigor e nossa resistência. Não há sport atlético mais sã, eficaz e completo que a canoagem, todas as partes do corpo, da cabeça até os dedos dos pés; músculos, articulações, nervos, tudo trabalha no bom remador; é um exercício tanto higiênico, porque é feito num ar vivificante e puro, em vez de uma atmosfera saturada de poeira, e de transpirações das salas de armas e de ginástica...<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup>. Cf. SOARES, Carmem Lucia. *op.cit.* p. 173.

<sup>55</sup>. PITOMBO, Carlos Antonio. *op.cit.* p. 11.

<sup>56</sup>. WEBER, E. *Sports Athléticos*. Rio de Janeiro: Liv. Garnier, 1910. p.1-3.

<sup>57</sup>. X.Y.Z. "A tuberculose e o sport nautico". In: *A Canoagem*, ano I, n.4, 25 de julho de 1903, p. 3.

Contraopondo-se aos exercícios realizados numa sala fechada, "saturada de poeira e de transpirações", o articulista valorizava a prática da canoagem, "exercício higiênico porque é feito num ar vivificante e puro", deixando entrever um discurso impregnado da teoria miasmática, tão em voga na época. Só que naquele momento, diferentemente do tempo colonial, onde a praia era considerada um local insalubre pelo cheiro nauseante exalado dos dejetos ali despejados, o mar era um ambiente "vivificante e puro", tornando-se um lugar de sociabilidade e lazer que conclamava a população para o desfrute da paisagem litorânea.

É neste contexto que devemos compreender a abertura, a partir de finais do século XIX, de inúmeros estabelecimentos comerciais de diversões públicas. Apropriando-se dos jargões elaborados pelo saber médico e científico, os empresários capitalistas descobriram na exploração das modalidades esportivas, uma fonte inesgotável de lucros referendada pela idéia de que só o engajamento corporal poderia libertar e salvar a Nação brasileira da miséria física e social na qual se encontravam as forças produtivas do país.<sup>58</sup> Entretanto, como toda inovação, a introdução de divertimentos desta natureza, no cotidiano da população carioca, não se fez sem que houvesse oposições e resistências.

### **A introdução dos esportes na vida urbana: regeneração ou degeneração?**

Na exposição de motivos enviada à municipalidade, em 09 de março de 1891, com o objetivo de solicitar o privilégio exclusivo para a exploração do jogo de pelota, Antonio Irisarri, articulava o seguinte raciocínio:

que sendo conhecidas as vantagens do referido jogo, atendendo as condições higiênicas inerentes a sua própria natureza, a qual contribui

---

<sup>58</sup>. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op. cit.* p. 46-47

poderosamente para o desenvolvimento físico da mocidade, dando um vigoroso impulso a ginástica de todos os membros do corpo humano...de incontestáveis vantagens em caso de guerra; que tendo o peticionário idéia exata do elevado e justo critério desta honrosa corporação, que com seu comprovado patriotismo procura, por todos os meios, melhorar as condições higiênicas e o vigor de seus có-munícipes, vem pedir-lhe mais uma pequena concessão...<sup>59</sup>

Explorando as crenças de aprimoramento físico e moral da população brasileira cristalizadas no pensamento médico higienista e na sua vertente eugenista, o empresário construiu seus argumentos, de modo a convencer o poder municipal da necessidade de um empreendimento tão importante para "assegurar uma distração útil, viril e sã aos habitantes deste município"; sublinhando habilmente que, caso a resposta fosse positiva, o prefeito estaria "ajudando moralmente àqueles que com suas idéias novas, vem trazendo seu grão de areia para o grande edifício do progresso desta formosa cidade". Para finalizar seu pensamento e "justificar moralmente"<sup>60</sup> o privilégio exclusivo de exploração do jogo por 5 anos, o peticionário afirmava à Diretoria de Obras Públicas:

tudo que é novo, Exmos. Srs., tem de lutar com os inconvenientes naturais do desconhecido e sua marcha, nos primeiros tempos, tem de ser muito lenta, até que o público se convença de sua utilidade e vantagens e lhe dispense os favores que merece tudo quanto é bom, agradável e útil.<sup>61</sup>

Compartilhando da concepção evolutiva e linear do progresso, ventilada pelos "produtores de espaço", o ousado capitalista alertava a Diretoria de Obras que o retorno desse "novo" empreendimento poderia ser lento, uma vez que, naquele momento, a população carioca não tinha percebido o valor de um passatempo "bom, agradável e útil". Daí a urgência na concessão do privilégio ao suplicante "em razão do capital bastante necessário para a aquisição de uma área considerável de terreno e para a

---

<sup>59</sup>. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código 45-2-30 (jogos). p. 83.

<sup>60</sup>. Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op. cit.* p. 46.

<sup>61</sup>. *Idem*, p. 83.

construção de um edifício... digno desta grande cidade, de modo a lhe servir de adorno". Associando discursivamente o progresso e aformoseamento da cidade ao estabelecimento de passatempos esportivos desta natureza, Antonio Irisarri tentava, astutamente, convencer a Prefeitura a endossar sua "idéia nova", como forma de inculcar na população o gosto por este "útil divertimento".

Como resposta, em 19 de março do mesmo ano, a Diretoria de Obras indeferiu a petição alegando "ser odiosa a idéia do privilégio, sobretudo em um país que apenas começa a ser livre".<sup>62</sup> Além disso, o poder municipal afirmava "tratar-se de uma empresa de nenhuma utilidade pública e de vantagem exclusiva para quem a explorar". Indicando a desconfiança inicial das autoridades com relação à utilidade dos passatempos esportivos, em virtude da ocorrência de brigas, confusões e tribofes provocados pelas apostas, principalmente nas competições turfísticas, as autoridades municipais muitas vezes negavam as solicitações feitas, ordenando às delegacias policiais das distintas freguesias, o fechamento destes estabelecimentos que tanto contribuía para a desordem pública, como atestava esta notícia da *Gazeta de Notícias* sobre uma corrida no Hipódromo Nacional:

causou-nos verdadeiro desgosto a corrida de ontem no Hipódromo Nacional... estava no prado uma concorrência bastante regular, o movimento das apostas era animador. Ia realizar-se o quinto páreo, quando a diretoria teve conhecimento de para ele estar tramada uma batota. Muito louvavelmente intimou os proprietários a darem ordem a seus jockeys de disputar a carreira... Na terceira saída falsa, os juízes arriaram as bandeiras tão desastrosamente, que os concorrentes partiram cada um por sua vez, com diferença de 20 ou 30 metros. O público, julgando-se com razão prejudicado, reclamou a anulação do páreo, porém a diretoria entendeu sustentar a validade da partida... Essa deliberação deu causa a que os protestos se avolumassem... a mando de um indivíduo, entrou uma força de 5 praças de cavalaria de polícia. Felizmente, tudo não passou de protestos e gritaria, sendo logo suspenso o divertimento.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup>. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código 45-2-30 (jogos), p. 83.

<sup>63</sup>. *Gazeta de Notícias*, 21 de janeiro de 1895, seção *sport*, p. 2.



Uma outra notícia, publicada no mesmo periódico, deixava mais claro o motivo de tanta celeuma. Comentando a corrida de pombos-correios realizada, na França, pelo "Petit Journal com o fim patriótico de solucionar o problema do serviço postal em alto mar", o articulista da Gazeta, manifestando sua insatisfação diante das resistências encontradas pelo esporte, constatava a diferença entre a Europa e o Brasil:

lá o esporte colombino, protegido francamente pelos governos, se desenvolveu ao ponto de dar esse resultado... Aqui, procura-se pelo sofisma, impedir que o mais lícito dos esportes, o mais útil, não prossiga e se classifica de 'casa de tavolagem' a sociedade esportiva que o explorava realizando páreos com apostas, porque não se pode manter e nem se desenvolver por outro modo.<sup>64</sup>

Estabelecendo um paralelo com os dias de hoje, onde bingos freqüentemente são fechados para depois serem reabertos, diante do lobby exercido pelos empresários brasileiros, é possível reconstituir a agitação proporcionada pelo impacto dos passatempos esportivos no cotidiano da população carioca, através do debate travado na *Gazeta de Notícias*. Ora defendendo a exploração destas diversões públicas, ora condenando-as, percebe-se que o motivo da controvérsia, estampada no jornal, estava mais ligado às apostas que elas proporcionavam do que aos supostos benefícios higiênicos gerados aos seus praticantes.<sup>65</sup> Para as autoridades policiais e os demais defensores da ordem pública, as sociedades esportivas eram, muitas vezes, fachadas que encobriam o funcionamento de "casas de tavolagem", responsáveis por estimularem o ócio e a vadiagem da população, conforme o editorial "A jogatina" deixa entrever:

... é, portanto, o jogo e só o jogo, por meio de 'poules', o que se explora nestes estabelecimentos.

A princípio, pretendia-se justificar a instalação e existência dessas casas pela vantagem que delas adviria a nossa educação física. A experiência já demonstrou quanto é ilusória essa vantagem.

---

<sup>64</sup>. Idem., 6 de agosto de 1895. p. 2.

<sup>65</sup>. Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op.cit.* p. 45.

Se o exercício dos frontões e dos boliches contribui para a robustez física, só se aproveitam dessa vantagem aqueles que nele tomam parte...  
O simples espetáculo dessas lutas, por mais interessantes que sejam, não influi nem pode influir fisicamente naqueles que a assistem.  
O jogo, a 'poule', são portanto, os únicos atrativos desses divertimentos.  
Pode o poder público continuar a ter uma tolerância criminosa para com estes estabelecimentos, freqüentados, todos os dias por milhares de pessoas, umas desocupadas e outras que deixam suas ocupações para ali procurarem, por meio da sorte, aumentar os seus poucos recursos?  
É certo que estes estabelecimentos funcionam legalmente desde que há lei que exige um imposto e eles pagam esse imposto. Mas a situação é esta: o Código, que é lei federal, proíbe as casas de tavolagem e as apostas por meio de poules; leis municipais autorizam o funcionamento destas casas... esse antagonismo é que deve desaparecer e ser substituído pelo mais completo acordo...<sup>66</sup>

Deixando claro que os argumentos utilizados por empresários e médicos higienistas sobre os efeitos benéficos dos exercícios físicos, só eram válidos para aqueles que os praticassem, o editorial da Gazeta apontava para a degradação moral do público assistente que, indiferente a esse movimento, apenas estava interessado em ganhar algum dinheiro com os páreos disputados nestes divertimentos. Na verdade, a polêmica além de ser uma questão moral, era também uma questão política, refletindo um conflito de competências entre os poderes público federal e municipal, acirrado pelo fato destas sociedades pagarem um imposto anual ao município para seu funcionamento, considerado proibido pelo Código Federal por tratarem-se de "casas de tavolagem" que objetivavam apenas o lucro gerado pelas apostas.

Podemos agora, compreender melhor o sentido das palavras de Antonio Irisarri, contido na sua petição de 1891. Quando afirmava "tudo que é novo, tem de lutar com os inconvenientes naturais do desconhecido", ele tentava dissuadir as autoridades a respeito do caráter vicioso dessas diversões públicas, chamando-lhes a atenção para a função salvadora que elas poderiam desempenhar no aprimoramento físico e moral da

população. Preocupação também manifestada no ofício redigido pelo Clube dos Nautas ao Presidente da Intendência Municipal, em 27 de julho de 1892.

Desejando realizar uma regata no dia 31 de julho de 1892, "em favor das famílias das vítimas do naufrágio do Solimões", os integrantes do Clube pediam licença para estabelecer os "poules" (apostas), "a fim de melhorar os resultados em benefício das famílias das vítimas".<sup>67</sup> Na tentativa de disfarçar os lucros que poderiam ser obtidos com o evento e obter a permissão, os solicitantes forjavam-lhe um caráter assistencial. Assim, em 13 de agosto de 1892, o fiscal da freguesia da Lagoa, sem saber qual atitude tomar, respondeu que "tal apelo, deve ser ouvido pelo Chefe de Polícia", demonstrando a dúvida reinante na época, com relação aos passatempos esportivos considerados, muitas vezes, jogos de azar e casos de polícia. Para sanar a incerteza do fiscal da freguesia e dos sócios do Clube, um ofício da Secretaria de Polícia da Capital Federal foi encaminhado ao Presidente da Intendência, em 20 de agosto de 1892, declarando

não haver inconveniente na concessão do pedido de licença, visto a disposição contida no final do parágrafo único do art. 37 do Código Penal, em virtude da qual as regatas devem ser equiparadas às corridas a pé ou a cavalo, não estando por isso compreendidas na proibição dos jogos de azar as apostas que elas motivarem.<sup>68</sup>

Analisando esta documentação, é possível reconstruir o transtorno ocasionado às autoridades policiais pela introdução dos esportes na vida urbana da Capital republicana. Confusas ainda sobre os sentidos e significados que envolviam as diversões públicas e as novas práticas esportivas, bem como sobre seus benefícios e malefícios morais, elas freqüentemente invadiam os frontões, belódromos e velódromos reprimindo os tumultos gerados pela apostas. Alheios a esta questão, higienistas, literatos, pedagogos, estadistas

---

<sup>66</sup>. "A jogatina", *Gazeta de Notícias*, 27 de setembro de 1900. p. 1.

<sup>67</sup>. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código 49-4-5. (documentação avulsa - regatas)

<sup>68</sup>. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código 49-4-5. (documentação avulsa - regatas)

e cientistas, interessados em descortinar um caminho para a evolução do país, justificavam a importância destes jogos fornecendo constantemente um arsenal de idéias aos patrocinadores e praticantes dos novos esportes, os *sportsmen*<sup>69</sup>. Mesmo sendo alvos de freqüentes investidas policias, esses estabelecimentos comerciais, amparados pela lei municipal, eram reabertos logo depois, motivando novos pedidos de licença.

Em requerimento dirigido à Prefeitura Municipal, em 16 de agosto de 1893, Carmo Salomão, construtor técnico, e Eduardo Rios, industrial brasileiro, sugeriam a edificação de um estabelecimento de diversões públicas, no jardim da Praça da República, destinado a impulsionar os exercícios e os divertimentos "como meio de proporcionar à infância e à adolescência não somente as alegrias puras e sãs que constituem a melhor higiene do espírito na primeira idade, mas também o vigor e aptidões físicas que tanto influem sobre a saúde e o caráter do homem".<sup>70</sup> Alegando que "em contraste com as capitais européias há uma lamentável lacuna nesta grande capital, sob o ponto de vista das diversões públicas, moralizadas e úteis, especialmente destinadas à meninice e à mocidade", os requerentes faziam um diagnóstico grave da realidade da cidade, desprovida de "diversões úteis, agradáveis e instrutivas que, segundo a moderna concepção científica de educação moral e física, constituem uma seção de magna importância da grande arte de preparar as gerações novas". Constatando a inoperância do poder público em aproveitar os benefícios higiênicos de um "esplêndido Jardim Público, desabitado e arborizado, que nem sequer é utilizado como passeio público", os suplicantes desejavam oferecer "jogos de destreza e perícia", como a esgrima, ginástica, equitação, a natação, corridas a pé e a velocípedes, as regatas, o tiro ao alvo, entre outros, para suprir esta lacuna "em verdade, mais grave do que pode

---

<sup>69</sup>. Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *op.cit.* p.46.

<sup>70</sup>. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, código 42-3-32 (diversões públicas), p. 1-2.

parecer a primeira vista". Com efeito, visando obter a concessão para o funcionamento do estabelecimento pretendido, os ousados capitalistas manipulavam a seu favor os apelos anteriores de estadistas e autoridades sanitárias que insistentemente criticavam o "desdém pela força física" e a ausência de ginásios, jardins ou parques apropriados aos exercícios corpóreos das crianças e adolescentes como aqueles já existentes na Inglaterra.

Com todo esse repertório de idéias circulantes, não é difícil supor como se operou a introdução dos esportes, na cidade do Rio de Janeiro, na virada para o século XX. Muito embora, esbarrassem com a resistência inicial das autoridades policíacas, surgiram no contexto de valorização da ideologia higienista como medida terapêutica viável para fortalecer e salvar o país do estado decadente em que se encontrava, colocando-o no rumo do progresso e da civilização, tal qual os postulados evolucionistas de Herbert Spencer, freqüentemente citado pelos esculápios brasileiros em seus estudos acadêmicos. Adaptando de forma original, as doutrinas evolucionista e darwinista, surgidas na Europa em meados do século XIX, à realidade brasileira, eles acreditavam que a regeneração e salvação da raça, a esta altura extremamente miscigenada e, portanto, "depauperada", estavam nas mãos daqueles que se entregassem regularmente à prática de exercícios físicos e esportes, conforme indicava uma crônica de Olavo Bilac.

Embora fosse um fã ardoroso das regatas, a ponto de ser considerado membro honorário da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, pelos serviços relevantes prestados ao esporte náutico<sup>71</sup>, Bilac não deixava de expor seu contentamento diante do interesse suscitado pelo esporte em geral, na população carioca:

Todas as questões de esporte impressionam e preocupam os homens do nosso tempo... É lícito dizer que metade da população se interessa por tal

---

<sup>71</sup>. Em reunião do Conselho desta entidade, realizada em julho de 1903, Olavo Bilac foi considerado membro honorário e Pereira Passos, Presidente Honorário.

assunto... parece que toda gente contemporânea, cansada e envergonhada de ser fraca e mole, de não ter sangue nem músculos e de viver comprometendo a sorte da espécie, procura recuperar a saúde perfeita, na ânsia febril de quem se sente morrer e luta desesperadamente contra a morte...

Esse entusiasmo que os esportes despertam, esta convicção com que toda a gente contemporânea prega e pratica a religião do exercício físico, indicam ao menos que todos temos consciência do depauperamento da espécie e do perigo que ela corre. Somos, ao menos, doentes que procuramos a salvação. Não somos suicidas...<sup>72</sup>

Na narrativa, o cronista ao estabelecer uma identificação desmedida entre as suas convicções e preocupações e as de "toda gente contemporânea", indicava a "religião do exercício físico" para a salvação da espécie, único remédio capaz de "retardar um pouco a irremediável catástrofe".<sup>73</sup> Interessado em cristalizar as suas expectativas sociais, dissolvendo todo o pensamento refratário à "mania do esporte", Bilac foi buscar nos Jogos Olímpicos da antiguidade, "idade de ouro da humanidade, no berço daquela Grécia divina cuja misteriosa e indizível saudade arde perpétua, por um milagre físico, na alma de todo o homem que pensa"<sup>74</sup>, a inspiração para despertar e provocar aqueles que, porventura, se mantinham indiferentes a esse movimento.

Apesar dos esforços de Olavo Bilac e dos demais literatos aqui retratados em fixar um determinado sentido para o remo, identificando-o como prática moderna, salutar e regeneradora, capaz de colocar o país no rumo da evolução e incluí-lo no ranking das nações mais civilizadas, deve-se apontar para outras possibilidades de percepção desse processo, no seio do círculo letrado. Manifestando seu repúdio à influência nociva de esportes importados da Europa na conformação de uma identidade nacional, Lima Barreto constitui um exemplo esclarecedor das relações de concorrência

---

<sup>72</sup>. *Gazeta de Notícias*, 24 de fevereiro de 1907, pág. 3.

<sup>73</sup>. Cf. PEREIRA, Leonardo A. de. op. cit. p. 49.

<sup>74</sup>. *Gazeta de Notícias*, 24 de fevereiro de 1907, pág. 3.

e de conflito estabelecidas dentro do campo intelectual, especialmente em relação ao futebol, segundo indica Leonardo Pereira.<sup>75</sup>

Contudo, diferentemente dos esportes terrestres, entre os quais começava a se destacar o futebol, praticado em "campo de pólvora, ambiente nocivo e impróprio pela quantidade de poeira que desloca"<sup>76</sup>, o remo foi considerado um esporte mais salutar e higiênico, visto por Coelho Neto e outros cronistas como uma escola de força e caráter por colocar os remadores em contato com o mar e as ondas,

ensinando-os a perseverar... Com a perseverança da onda que, sendo água, destrói penedos, remove montanhas de gelo... aprendeis a querer com continuidade, não apenas a desejar voluvelmente, a insistir no esforço, a firmar no propósito, educando assim a vontade, poder de mais prestígios do que o condão das fadas, com o qual tudo consegue o homem.<sup>77</sup>

Assim, médicos e literatos, alcançavam um prestígio social na comprovação e viabilização de um projeto que tinha na prática de exercícios físicos e esportes, a solução para o combate das doenças que tanto contribuíam para a degeneração e o fracasso da espécie brasileira. Conforme destaca Lilia Schwarcz, "o país podia ser dividido entre capazes e incapazes, entre perfectíveis e degenerados, em um esforço deliberado de esfumaçar divisões econômicas e sociais enraizadas".<sup>78</sup>

### **A educação física no Brasil e as teorias raciais: entre dúvidas, certezas e utopias**

No início do século XX, em "Ginástica infantil", o médico Eduardo de Magalhães, comentando os relatórios anteriores apresentados pelo Dr. Paula Candido e pelo Dr. Domingos Freire, respectivamente em 1854 e 1885, acerca das medidas higiênicas mais

---

<sup>75</sup>. PEREIRA, Leonardo de A. Miranda. op.cit. p. 215.

<sup>76</sup>. REIS, Alvaro Borges dos. *Educação Física*. Bahia: Typ. Reis e C., 1904, p. 91.

<sup>77</sup>. NETTO, Coelho. "O Mar". Conferência literária realizada na sede do Clube de Natação e Regatas, em 15 de dezembro de 1917. Rio de Janeiro: Typ. Villas Boas e C., 1918. p. 17-18.

<sup>78</sup>. SCHWARCZ, Lilia Moritz. op.cit. p. 234.

urgentes a serem adotadas na Capital Federal, no tocante à educação física e à higiene escolar, ratificava a constatação dos seus predecessores:

desde então a situação não mudou; continua a falta de ginástica higiênica; a fundação portanto, de um estabelecimento para o ensino e a prática da ginástica e a criação de jardins ou parques apropriados aos exercícios corpóreos das crianças realizarão benefícios de inestimável valor, preenchendo uma das lacunas mais sensíveis da nossa educação e de maior perigo para o futuro da nossa raça.<sup>79</sup>

Afirmando que "se continuarmos assim, de braços cruzados, desprezando os conselhos unânimes dos higienistas e pedagogistas, cometeremos o grave atentado do comprometimento de nossa raça e correremos o grande risco de futura e próxima humilhação"<sup>80</sup>, o esculápio brasileiro apropriava-se do axioma formulado por Herbert Spencer no seu tratado de educação: "é preciso ser um bom animal, tal é a primeira condição de triunfo da vida, e ser uma nação de bons animais – eis a primeira condição da prosperidade nacional"<sup>81</sup>. Recomendando à população brasileira os exercícios naturais e ao ar livre – natação, corridas, saltos e remo –, fundamentais para o desenvolvimento do tórax e da capacidade respiratória, ele salientava, ao mesmo tempo, seus benefícios morais. Tornando o homem "mais resoluto e corajoso" e, portanto, menos suscetível às crises nervosas, "muitos obstáculos se vencem, muitos perigos se evitam". Esta era a principal tese desenvolvida pelo doutor brasileiro e tal era a razão da superioridade dos ingleses. A ginástica era potencialmente capaz de produzir, por si mesma, indivíduos mais fortes, virtuosos e determinados, aptos não só para sobreviver às adversidades e contingências do meio geográfico e social, como para superá-las, transformando a realidade a sua volta rumo à evolução e à prosperidade. De acordo com

---

<sup>79</sup>. MAGALHÃES, Eduardo de. *op.cit.* p. 12.

<sup>80</sup>. *idem*, p. 46.

<sup>81</sup>. *idem*, p. 34.



a argumentação desenvolvida, baseada no paradigma da evolução, o sucesso de um indivíduo capaz de enfrentar e ultrapassar os obstáculos da vida na luta pela sua sobrevivência, representava diretamente o triunfo da Nação. Contudo, subjacente ao raciocínio articulado, ensaiava-se a defesa de uma contrapartida: caso um indivíduo não fosse suscetível de adaptar-se às adversidades do meio físico, não era útil à nação. Como numa competição esportiva, onde os atletas tentam bater os recordes dos adversários, superando seus próprios limites, a vida passava a ser encarada como uma sucessão de fases e etapas, onde cada dificuldade transposta aprimorava e fortalecia o indivíduo, tornando-o mais firme e tenaz na consecução dos seus objetivos. Assim, o médico tentava comprovar didaticamente sua teoria: a de que a prática da ginástica proporcionava um aperfeiçoamento físico e moral da raça, podendo ser a solução para uma nação doente, na medida em que selecionaria naturalmente os mais capacitados.

Legitimando as desigualdades sociais e remediando a diferença racial que maculava o futuro da Nação, o médico combinava, de forma original e contraditória, a teoria de seleção do mais forte dos darwinistas sociais à perspectiva evolucionista, porém monogenista de Spencer, prescrevendo uma solução eugênica viável ao aprimoramento físico e moral da raça brasileira, tão comprometida pelo "erro da mestiçagem", de acordo com a escola darwinista. Adaptando os paradigmas de evolução e seleção natural das ciências naturais à realidade brasileira, ele indicava um caminho a ser seguido para o enquadramento do Brasil no rol dos países mais progressistas e civilizados, segundo os princípios de Spencer: "ser uma nação de bons animais, é a primeira condição de prosperidade nacional". No raciocínio apresentado por Eduardo Magalhães, a ginástica se impunha como um elemento indispensável à evolução moral e física de um indivíduo, na medida em que o tornava mais capacitado para corrigir o

determinismo do meio, a "influência enervante"<sup>82</sup> do clima brasileiro que, em contraposição ao clima temperado europeu, era capaz de expô-lo ao "relaxamento dos tecidos, a indolência e apatia orgânicas, com a exaltação do sistema nervoso e do fogo das paixões... dando desregramentos, os excessos de todo o gênero, que conduzem à depravação dos costumes".<sup>83</sup> De acordo com Norbert Elias, o controle mais rigoroso da conduta, das paixões e dos sentimentos, característico do processo civilizador, foi um poderoso instrumento para a divulgação e manutenção do colonialismo europeu, servindo como marca de distinção e prestígio social, garantidora das hierarquias externas e internas.<sup>84</sup> Era neste sentido, "na obrigação de corrigir os inconvenientes do seu clima, a fim de não continuar a descer enquanto outros sobem"<sup>85</sup>, que o médico destacava a ação remediável do exercício físico, único meio de igualar a Nação brasileira aos povos mais desenvolvidos, neutralizando as diferenças e desigualdades impostas pelos determinismos biológico e geográfico que condenariam eternamente o país.

A propósito da recepção, no meio científico brasileiro, das idéias de evolução por seleção natural, cabe ressaltar que ela não foi passiva e seu impacto se deu de forma variada gerando, na maioria das vezes, controvérsias, adaptações e extrapolações em outras áreas de conhecimento, principalmente no campo social.<sup>86</sup> Tais apropriações, partindo dos modelos propostos por Darwin para as espécies botânicas e zoológicas, buscavam uma relação com a sociedade brasileira na tentativa de validar empiricamente uma solução otimista para a Nação que, naquele momento, era objeto de várias dúvidas

---

<sup>82</sup> MAGALHÃES, Eduardo de. *op.cit.* p. 5.

<sup>83</sup> *idem.* p. 5.

<sup>84</sup> ELIAS, Norbert. *op. cit.* p. 212.

<sup>85</sup> MAGALHÃES, Eduardo de. *op. cit.* p. 15.

<sup>86</sup> Para maiores informações sobre este assunto, v. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

e indagações, pois como seria possível explicar o desenvolvimento de um povo mestiço, refutando a crença da "não perfectibilidade", ostensivamente propagada pelos darwinistas sociais? Assim, encastelados nos estabelecimentos de ensino e pesquisa do país, esses "homens de ciência" acabaram por manipular o conceito determinista de evolução, introduzindo um

modelo que acomodou explicações de teor monogenista, que concebia a humanidade como una em sua origem e desenvolvimento, mas que não se furto a recorrer a argumentos darwinistas sociais – poligenistas – quando se tratava de justificar hierarquias sociais consolidadas.<sup>87</sup>

Segundo afirma Lilia Schwarcz, "falar da adoção das teorias raciais no Brasil implica pensar sobre um modelo que incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava. No Brasil, evolucionismo combina com darwinismo social...".<sup>88</sup>

Com efeito, os jogos e os esportes, "exercícios físicos acrescidos de um caráter recreativo"<sup>89</sup>, passavam a ser recomendados pelos médicos brasileiros, para "o aperfeiçoamento orgânico" da raça brasileira, pois "coadjuvam poderosamente o desenvolvimento moral e intelectual do indivíduo preparando um terreno seguro para o trabalho cultural de todas as funções sociais que elevar possam o homem ou a mulher ao grau mais adiantado da civilização".<sup>90</sup> Concepção também compartilhada pelo Dr. Carlos Antonio Pitombo, em sua tese "Apreciações acerca dos exercícios físicos nos internatos e sua importância profilática", apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, em 1900:

uma vida sem os necessários exercícios físicos torna o indivíduo enervado, com uma exaltação mórbida da sensibilidade, perdendo muitas vezes o senso moral... sem a coragem e a força necessárias para enfrentar os erros

---

<sup>87</sup>. SCHWARCZ, Lilia. "O espetáculo da miscigenação". In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (org.). *A recepção do darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p. 170.

<sup>88</sup>. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.* p. 242.

<sup>89</sup>. REIS, Alvaro Borges dos. *Educação Física*. Bahia: Tip. Reis e C., 1904. (Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia). p. 57.

<sup>90</sup>. *idem.* p. 57.

sociais curvando-se somente ao direito... a falta de desenvolvimento físico faz muitas vezes o indivíduo curvar-se ao despotismo e esperar o pão da beneficiência alheia, não podendo assim desempenhar o seu verdadeiro papel de cidadão... Desenvolvendo convenientemente todos os seus órgãos, o indivíduo não fica em um verdadeiro torpor da inteligência e em meditações profundas, concentrando muitas vezes as suas idéias em um só objeto, é atirado à luta pela existência e manutenção da honra.<sup>91</sup>

Na argumentação do Dr. Carlos Pitombo, é possível identificar os fundamentos que interligavam o raciocínio destes "homens de ciência".<sup>92</sup> Ao afirmar "a falta de desenvolvimento físico faz muitas vezes o indivíduo curvar-se ao despotismo e esperar o pão da beneficiência alheia, não podendo assim desempenhar o seu verdadeiro papel de cidadão", o médico baiano despolitizava a realidade social, justificando as hierarquias e apresentando, paralelamente, uma solução externa, técnica e científica viável ao progresso moral e material de um país majoritariamente mestiço, recém egresso da escravidão. Para o Dr Pitombo, "os erros sociais" existentes poderiam ser corrigidos por qualquer indivíduo, independentemente da sua posição de classe, bastando para isso "desenvolver convenientemente todos os seus órgãos" através dos "necessários exercícios físicos". Deixando transparecer uma idéia de cidadania vinculada aos pressupostos eugenistas, o médico demonstrava ser "um verdadeiro cidadão" aquele que não se deixando abater pelos "erros sociais" era capaz de "lutar pela sua existência e honra", sem esperar o "pão da beneficiência alheia". Centrada numa moral burguesa, competitiva e individualista, tal concepção referendava os novos valores comportamentais embutidos no ideário *mens sana in corpore sano*, pois enfatizando o grande esforço na luta pela vida, rejeitava os menos suscetíveis de serem aperfeiçoados, garantindo somente a sobrevivência daqueles que reunissem as melhores condições de adaptação, numa livre apropriação da teoria darwinista social, cujos

---

<sup>91</sup>. PITOMBO, Carlos Antonio. op.cit. p. 13-15.

pressupostos negavam o aprimoramento dos povos submetidos à miscigenação. Sendo assim, feitos certos rearranjos teóricos, os doutores brasileiros conseguiam achar uma saída possível para o progresso e a evolução da Nação brasileira.

Com efeito, na ânsia de encontrarem um caminho para o desenvolvimento da sociedade brasileira capaz de nivelá-la às demais potências européias, os pesquisadores médicos elaboravam um discurso pedagógico cujo mote principal comprovava a eficácia da força muscular e legitimava a sobrevivência do "mais apto", do "mais forte", "do mais saudável"; uma espécie de atributo físico e moral necessário ao triunfo do indivíduo na livre concorrência de uma sociedade capitalista que começava a se formar. Uma perfeita tradução do *self-made-man* – representação social burguesa do indivíduo vitorioso, persistente, audaz e competitivo do mundo moderno.

No entanto, preocupado com o "pouco apreço em que é tida a educação física no Brasil", o autor fazia um grave diagnóstico dos estabelecimentos de educação e instrução, chamando a atenção dos diretores e estadistas para os perigos da "preponderância da força nervosa sobre a força muscular": "os alunos tornam-se nevropatas inúteis e mais tarde altamente prejudiciais à sociedade, principalmente se encontram condições sociais que favoreçam a sua nocividade; perturbam-se a inteligência e o senso moral".<sup>92</sup> Demonstrando a aplicabilidade terapêutica, moralizadora e controladora da atividade física numa conjuntura de grande turbulência na Capital da República, o Dr. Carlos Pitombo concluía: "os exercícios físicos tonificam os músculos e diminuem a sensibilidade nervosa, que sendo excessiva abate as funções intelectuais; e o indivíduo não tendo excesso de sensibilidade nervosa e tendo

---

<sup>92</sup>. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.* p. 23.

<sup>93</sup>. PITOMBO, Carlos Antonio. *op. cit.* p. 19.

favorecida a ação muscular, é mais resoluto e menos refletido"<sup>94</sup>, tal qual a análise desenvolvida, anos depois na mesma faculdade, pelo seu colega Alvaro Reis, em "Educação Física".<sup>95</sup>

Voltando-se para a sociedade brasileira, os profissionais médicos, juntamente com pedagogos, juristas, engenheiros e literatos, afirmavam sua identidade particular, na medida em que atribuíam para si uma "missão salvadora" capaz de construir novos rumos para a Nação. Atuando na elaboração e divulgação dos valores preconizados pela nova ordem de poder, eles firmavam sua hegemonia no interior do campo intelectual, ocupando também uma posição de prestígio social na sociedade. De fato, tratava-se de uma ampla discussão, instalada no seio da elite letrada, desde o final do Império, em torno dos temas de "tradição e modernidade", "passado e futuro da nação"; da disputa travada entre diferentes grupos sociais pela legitimidade de seus projetos e práticas, pela construção e demarcação das suas diferenças e identidades. Constituindo um imaginário social repleto de símbolos burgueses, estes agentes sociais expressavam suas crenças e expectativas comuns, "operando ainda mais vigorosamente na produção de visões futuras, designadamente na projeção das angústias, esperanças e sonhos coletivos sobre o futuro"<sup>96</sup>, como afirma Baczko.

Neste sentido, o artigo de G. L. Duprat "A educação física sob o ponto de vista sociológico", publicado de forma seriada, em dois números consecutivos, na revista esportiva *A canoagem*, em 1903, é extremamente significativo das atribuições que estes segmentos sociais forjavam para si na síntese de um novo projeto de identidade nacional. Em seu discurso didático, o autor inicia afirmando:

---

<sup>94</sup>. Idem, p. 12.

<sup>95</sup>. De acordo com Alvaro Reis, "os exercícios corporais desenvolvem nos jovens a coragem, a energia da vontade, a confiança em si mesmos. Cedo se habituem eles a contar com as suas próprias forças e a enfrentar, firmemente, as barreiras e dificuldades da vida". REIS, Alvaro Borges dos. *op.cit.* p. 28.

A força educativa é uma força social, e os indivíduos educadores não são mais que delegados da coletividade que lhes dá, como uma missão a cumprir, poderes e direitos correspondentes... Se, pois, a educação física é descurada num país, é porque a grande maioria dos espíritos não concebeu a sua utilidade nem sentiu ainda o desejo de exercitá-la. Os que acham útil, indispensável, urgente, remediar esta negligência não têm outro recurso senão apelar da consciência coletiva mal informada ou sonolenta para a consciência coletiva melhor informada e mais exercitada.<sup>97</sup>

Ressaltando a importância do papel social dos educadores na reeducação dos costumes de um povo, percebe-se a intenção do autor em se afirmar como guardião e representante da "consciência coletiva melhor informada" e, portanto mais esclarecida, responsável pelas "reformas mais duráveis e fecundas", que modificam a opinião pública lentamente "por uma espécie de sugestão". Na visão de Duprat, era necessário "provar que a educação física corresponde a uma necessidade social vagamente ressentida pela consciência coletiva", pois "não basta ter criado uma corrente de idéias favoráveis a uma inovação". Portanto, para o autor, a persistência do "gosto do povo pela educação física", só poderia ser assegurada pela "demonstração de sua legitimidade", ou seja, por sua comprovação.

A publicação parcial e continuada do estudo de Duprat, em alguns números consecutivos da revista, fundamentava amplamente as intenções e os anseios da comunidade científica brasileira, pois previa a modificação da opinião pública através da sugestão lenta, progressiva e articulada dos educadores, "indivíduos delegados da coletividade com uma missão a cumprir". Assim, o Doutor em Letras e membro da Sociedade de Sociologia de Paris, tornava-se uma espécie de guru pedagógico das ações comuns que deveriam nortear a atuação da elite científica e intelectual do país para que este galgasse os degraus da evolução. Através de doses homeopáticas, porém mais

---

<sup>96</sup>. BACZKO, Bronislaw. *op.cit.* p. 312.

<sup>97</sup>. DUPRAT, G. L. "A Educação Física sob o ponto de vista sociológico". In: *A Canoagem*, ano I, n. 13, 26 de setembro de 1903. p. 5-6.

eficazes na mudança do "gosto do povo", legitimava-se simbolicamente toda uma produção acadêmica voltada para comprovar didaticamente a utilidade e eficácia da educação física na formação de uma nova raça brasileira, mais saudável, moralizada, forte e disciplinada, capaz de levar o país à prosperidade nacional. Desse modo, o universo simbólico manipulado em tratados e manuais de ginástica, bem como em teses médicas e estudos sociológicos, cumpria a função de introduzir e difundir novos valores e regras de comportamento mais eficazes no controle da vida social.

Portanto, objetivando alcançar seus intentos, a elite científica nacional concentrou esforços no sentido de pleitear às autoridades a construção de espaços físicos mais adequados à prática da ginástica. Desse modo, constantemente encontrava-se nestes estudos, um apelo dirigido principalmente ao poder público para a construção de uma infra-estrutura que pudesse resolver o dilema observado pelos nossos médicos, pois após terem chegado à conclusão de que a educação física resolveria os problemas do país, seria necessário dotá-lo de ginásios, parques e jardins mais apropriados aos exercícios físicos. Conforme reforçava Duprat, em seu tratado sociológico, "não bastava criar uma corrente de idéias favoráveis a uma inovação"; só através de "reformas mais duráveis e fecundas" seria possível assegurar "o gosto do povo pela educação física".

A demonstração da utilidade e eficácia da ginástica e dos esportes como fatores condicionantes do aprimoramento físico e moral do país, pelo pensamento médico-higienista, através da combinação contraditória dos pressupostos evolucionista e darwinista, em tratados de educação física, artigos publicados na imprensa especializada e em teses de medicina, proporcionou aos *sportsmen* uma identidade social, na medida em que atribuiu a eles a responsabilidade pela regeneração e salvação da Nação. Desse modo, a atuação da elite científica e intelectual brasileira, na divulgação do ideário *mens*



*sana in corpore sano*, contribuiu sobremaneira para a proliferação de clubes esportivos que se espalharam pela cidade, na alvorada do século XX, como uma verdadeira "febre". Diferentemente daquela que contribuía para manchar a reputação da Capital Federal, a "febre esportiva" tornava-se esperança de futuro.